

## NO *COMO SE*: ENTREVISTA COM VICENTE FRANZ CECIM

Heloisa Helena Siqueira Correia  
Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP  
Professora da UNIR  
heloisahelenah2@hotmail.com

Vitor Cei  
Doutor em Estudos Literários pela UFMG  
Professor da UNIR  
vitorcei@gmail.com

### RESUMO

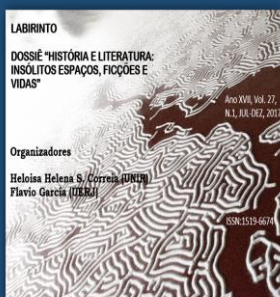
Vicente Franz Cecim nasceu em Belém (PA) em 1946. Considerado uma das vozes mais marcantes da literatura brasileira contemporânea, ele cria *Viagem a Andara. O livro invisível* desde 1979. A obra, que já conta com 17 livros publicados, nasce em solo crítico da Floresta Sagrada e da necessidade de que escrevamos uma outra história, diversa da história dos erros imposta pela razão ocidental. A presente entrevista foi feita em outubro de 2017, como atividade do projeto de extensão “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, que consiste em mapeamento da literatura brasileira do início do século XXI a partir da perspectiva dos próprios escritores. Cecim discorre sobre seu processo de escrita criativa, avalia a recepção de sua obra e reflete tanto sobre aspectos relativos à literatura brasileira quanto sobre o quadro político e cultural dos últimos anos e as respostas éticas por ele demandadas.

**Palavras-chave:** Vicente Franz Cecim; literatura brasileira contemporânea.

### ABSTRACT

Vicente Franz Cecim was born in Belém (PA) in 1946. Considered one of the most remarkable voices in contemporary Brazilian literature, he is writing *Trip to Andara. The invisible book* since 1979. The work, with 17 books already-published, was born in the Sacred Forest critical soil, and from our necessity to write another story, different from the history of errors imposed by the Western reason. This interview was made in October 2017, as an activity of the project “News from Current Brazilian Literature: Interviews”, which consists of a mapping of Brazilian Literature of the beginning of the 21st century from the perspective of the writers themselves. Cecim gives his account on his own creative writing process, assesses the reception of his work, and reflects upon aspects pertaining to Brazilian literature as well as upon the political and cultural framework of the latest years and the ethical response demanded by them.

**Keywords:** Vicente Franz Cecim; contemporary Brazilian literature.



**Correia e Cei – 1. Cada escritor possui um *modus operandi*, por assim dizer. Você poderia comentar sobre as opções formais que norteiam seu projeto literário?**

Cecim – É bem simples: eu simplesmente *sinto* a *Realidade* do que escrevo – não a realidade da Vida *no que escrevo* – a Realidade *do que escrevo*. Tentarei ser mais claro: eu *creio* na Realidade do que escrevo. À medida que as Palavras vão saindo pelas minhas mãos elas vão se tornando *Realidades* para mim. Claro que para isso é preciso abandonar completamente todas as noções que foram criadas sobre a *Literatura* – a Literatura constituída ao longo dos séculos, pela Cultura, por essas noções, a Literatura que não é para ser vivida como *o Real* – é para ser *lida*. Isso não serve para mim. Eu preciso *criar realidades verbais onde possa existir*. Nelas, o que chamamos vida real está presente, claro. Embora, por ser metamorfoseada em Verbo, seja uma literatura, a que sai através de mim, mais próxima da inconsistência dos sonhos. Cada vez mais, ao longo desses quase quarenta anos de Viagem a Andara, cada vez mais, quando estou escrevendo um livro, eu escrevo menos e leio mais *enquanto escrevo*: as Palavras vão saindo pelas minhas mãos e vou as lendo, isto é: ao lê-las, tornando-as realidades, vou *vivendo essas realidades*.

Este fragmento de *Na Penumbra Andara*: *o Livro, a vida*, que abre *Ó Serdespanto*, falou

disso onde se lê:

alguém vive, alguém escreve

Esse é o ponto de partida, o ponto de chegada.

algo está se movendo, então. Está? Se,

quem? E o que é, esse algo?

A vida.

E, nela, alguém, que escreve.

E o que escreve, o Livro, é a Ponte, entre a vida-lá e o vivendo a vida aqui, em mim: alguém, que escreve.

O Livro é a vida? Não, o Livro não é a vida. É a outra vida.

Mas sendo outra vida é a vida num rumor que se arrasta paralelo, ao lado dela.

119

Aquele que escreve é real, mas o personagem que cria não é real.

À divindade agrada o jogo de criar, a criatura é o seu gosto de brincar, diz Angelus Silesius. Está em Silencioso como o Paraíso, livro de Andara.

Assim, também. A vida vivida é real, mas a vida-escrita não é real.

Para que serve então a vida-escrita?

- É um instrumento, para ver, tentar abrir, dobra a dobra, insistindo, a vida real

E por que alguém escreve?

- Para isso, o que foi dito acima, tentar abrir, dobra a dobra, insistindo

**2. Como você define sua trajetória literária? Houve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente? Em que momento da vida você se percebeu um**

## escritor?

Esse início pode ter sido não um, mas vários, que foram se somando. Um deles veio quando eu, pouco além de um menino, lia livros de ficção. Eu reagia aos autores não permitirem aos leitores ser mais do que passivos receptores da obra – onipotentes, eram os autores que determinavam tudo. Nesse primeiro início, eu me disse: *se um dia for um escritor vou deixar o leitor participar da obra, ser tão criador dela quanto eu*. E quando escrevi o primeiro livro de Andara, *A asa e a serpente*, o livro termina – abrindo-se para um reinício – justamente oferecendo, antes desse reinício, dois finais, para o leitor escolher um deles, ou escolher, ludicamente, os dois.

O segundo início deve ter se dado quando comecei a ouvir minha mãe, Yara Cecim, contar as histórias – míticas, mágicas – da Amazônia, onde ela e eu nascemos. Contava para dormirmos, eu e meus irmãos, Paulo e Elizabeth – não os Contos de Fadas, de Anderson, Perrault, dos quais gosto muito, mas contava – como as mães contavam ou leem – elas ainda fazem isso? – contos de fadas para os filhos, antes de dormirem. Quanto a isso devo dizer que os livros visíveis de *Viagem a Andara* o *livro invisível* são contos de fadas para adultos – e, certamente, para as crianças também. Ou apenas para as crianças que adormecemos dentro dos adultos que achamos ter nos tornado?

Mas antes desses dois inícios suspeito

mais que a Literatura começou em mim foi no instante em que em nasci na Vida Visível, passei a existir em Ente humano. A gente, suspeito, não nasce propriamente no que *sentimos* como Vida, mas em uma forma de Literatura em que acreditamos profundamente como realidade. Lembro Shakespeare dizendo: “Somos feitos do mesmo estofado de que são feitos os sonhos”. Ele não estava se referindo somente aos homens, mas a isso tudo que chamamos Vida – seus insetos mínimos, suas Estrelas imensas. E nós, homens, no meio disso tudo, nos sonhando existir, como tudo *se sonha existindo*.

### 3. A respeito de sua obra *in progress* **120** **Viagem a Andara, iniciada em 1979, seus leitores sabem que Andara nasceu como uma metáfora da Amazônia e se expandiu para outros lugares e tempos tornando-se universal. Como você apresentaria Andara hoje a um leitor que apenas se iniciou na leitura de sua obra?**

Não sei se sei responder a isso. Primeiro vamos corrigir: Andara não é uma *metáfora da Amazônia* – Andara converte a *Amazônia em uma metáfora da Vida*. Inicialmente, temos a *palavra* Andara. O que é *Andara*? Uma viagem se faz andando, então: *Viagem a Andara*? Simples assim? Algo que vem do verbo andar? Mas sendo Literatura – não para mim, que *creio em sua realidade*, mas para o leitor a quem se

convencionou o papel de *ler* – a Viagem não está acontecendo de fato – somente no *como se*. Então, estamos em uma Viagem ao *andasse*. Avançamos através de uma *hipótese*. Não há passos de pés humanos, há *passos-palavras*, me saindo pelas mãos. Esse é o Tempo de Andara – chamo de *Tempo da Hipótese*: Andara existe no Tempo da Hipótese, o tempo do *andasse*, *andaria*, no tempo de um houvesse andado, de um andara – *Andara*. Assim, Andara é a Vida no *como se* da Literatura. Isso é contrário ao que eu disse acima? Não. E por quê? Eu suspeito que a Vida e a Literatura são um *como se*. Possivelmente o Mesmo – no sentido Uno em que Tudo seja necessariamente um *Como Se*.

Por dentro, então, Andara é isso. Uma *hipótese*, um *como se*.

Por fora ela é mais simples – ou era para ser –, é apenas a Amazônia transfigurada em um lugar chamado, que chamei: Andara. Um lugar que nasce bem pequeno, apenas um pequeno lugar na margem de um rio sonolento entre as árvores – mas depois foi crescendo tanto, de livro para livro, que se tornou grande como a Amazônia, e crescendo mais, crescendo sempre, grande como o Cosmos – e crescendo mais ainda, hoje, dentro de Mim, Andara tem dentro de Si todo o Cosmos. Mas não parou aí – do lugar visível que aparece nos *livros visíveis de Andara*, os *livros que escrevo de Andara*, avançou até se perder na Invisibilidade, no que já não se sabe onde se está – e deu origem a *oO*

*livro invisível de Andara* – o livro que *não escrevo*, e que é *nãoliteratura* – ou é *literatura fantasma*, que – sendo inexistente – existe em seu não existir – se semeia no Imaginário do Leitor. Mas será *somente* nesse Imaginário que existe – como se o Imaginário não fosse o *como se* de Tudo que consideramos que é – no sentido de Algo mais real do que as realidades que percebemos, humanos – quem sabe tendo a ver com o que Suhrawardí percebeu como o *Imaginal?* – que eu só descobri após quase três décadas fazendo a Viagem a Andara.

Essas perguntas não deveriam me ser feitas, porque quanto mais surgirem respostas – mais perguntas surgirão.

121

Por exemplo: é *O livro invisível* não escrito que dá origem aos *livros visíveis* escritos de Andara, ou são os livros visíveis escritos que fazem surgir a miragem de um livro invisível?

#### **4. A proposta de uma literatura fantasma permanece em sua obra hoje? Por que a opção pela escritura, narradores e personagens invisíveis?**

Já quase posso dizer que *sei*, além do mero dizer que *suspeito*, que nós – homens e Universo – *somos e não somos* – que tudo é *não sendo* ou *não sendo é* – a ordem não fará uma perceptível diferença. É esse o estofado de que somos feitos, de que falou Shakespeare. Mas falar disso com as palavras dos dias, as da rotina, as habituais,

não consegue dizer muita coisa. Posso tentar a resposta com um Canto de Andara, do livro *Oniá?*

*Suspeito de Si*

pois poderia nem ter sido o que é,  
um homem,  
não poderia?  
  
suspeito de Si,  
  
pois poderia ser,  
em uma Floresta Sem Frutos  
por onde não passam os homens,  
  
a Raiz  
de uma Árvore de Treva,  
  
não poderia? Mistério e luzes, longe  
  
suspeito de Si,  
  
em seu Jejum de Ninho Branco,  
  
aguarda  
  
que a Ave da VoOz lhe diga tu és Tu

##### 5. Qual o sentido para a Amazônia de hoje, do *Manifesto Curau* que você lançou em 1983?

O mesmo de quando foi escrito, em 1983 – agravado. A violação da Amazônia avança ferozmente, sempre. Por isso, depois do primeiro veio um segundo manifesto, vinte anos depois. Mas é o mesmo Manifesto Curau, atualizando-

se, denunciando os acontecimentos à medida que os anos passam – *Testemunha de um Massacre*. Ele é uma defesa poética/política da região – que eu chamo de a *Floresta Sagrada*. Porque também mais do que *suspeito*, sei que a Natureza é o Invisível se revelando, visível para os nossos olhos. Na Natureza, o Mistério Original se mostra cotidianamente. Ainda que velando Sua Essência. E o Manifesto Curau se resume, também – em sua essência – à frase que o encerra, conclamando a um Início de insurreição cada vez mais urgente: “Nossa História só terá realidade quando o nosso Imaginário a refizer, a nosso favor”.

122

**6. Nos anos 1970 você realizou filmes em super-8. Depois ficou trinta anos sem filmar, apenas escrevendo Andara. Em 2009, voltou a filmar, já fazendo filmes digitais, que estão disponíveis no YouTube e no Vimeo. Quais são as opções temáticas e formais que norteiam seu projeto estético cinematográfico? Há relação com a sua obra literária?**

Sim. Nunca tentei saber exatamente qual, mas deve haver – *há*, porque chamo esses filmes de KinemAndara – significando: Cinema de Andara. Mas me doeie mais à literatura do que ao Cinema

**7. Em 1980, sua segunda obra, *Os animais da terra*, recebeu o prêmio Revelação**

de Autor da APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte. Em 1981, *A noite do Curau*, versão concentrada do terceiro livro de Andara, *Os jardins e a noite*, foi Menção Especial no Prêmio Internacional Plural, no México. Em 1988, *Viagem a Andara* recebeu o Grande Prêmio da Crítica da APCA. Em 2014, *Breve é a febre da terra* recebeu o Prêmio Haroldo Maranhão de Romance, do Instituto de Artes do Pará. E, não sendo um prêmio, mas tendo considerável relevância, em 2001 a crítica portuguesa consultada sobre os melhores do ano apontou seu livro *Ó Serdespanto* como o segundo lançamento mais importante de 2001. Como você avalia a importância desses prêmios literários?

Dependendo de quem lê o livro e atribui a ele o prêmio, esse prêmio terá ou não valor. No caso do Grande Prêmio da Crítica da APCA, foram quinze críticos votando a favor do livro, porque o prêmio só é atribuído se houver unanimidade. Por isso, antes de mim, na década de 80, só havia sido dado a Cora Coralina, Mário Quintana e Hilda Hilst, e depois de mim, em 1982, a Manoel de Barros. E entre esses críticos, além de serem muitos, estava Leo Gilson Ribeiro, e para mim bastaria para o prêmio ter muito valor.

**8. Você tem alguns livros publicados apenas em Portugal. Quais os principais**

**desafios para a edição e leitura de obras literárias no Brasil?**

O Brasil sabe muito pouco o que é Literatura. Então, como saberia o que já nem é mais Literatura, como saberia o que é a Viagem a Andara – e um *Livro Invisível*. Andara saiu da Literatura e suas convenções, já é Escritura – foi o que os críticos portugueses, consultados pelo jornal Público, souberam ler em *Ó Serdespanto*.

**9. Quais escritores brasileiros contemporâneos você tem lido? Ou, afastando a pergunta de nomes específicos, para pensar a literatura brasileira atual como um todo: o 123 que você vê?**

Prefiro continuar vendo na Literatura feita no Brasil, entre os imediatamente anteriores aos atuais, João Guimarães Rosa e Clarice Lispector, na ficção, e Manoel de Barros e Jorge de Lima, na Poesia, e, entre os atuais, venho acompanhando aqueles que são *inventores de linguagens* – na ficção, me ocorrem agora três *geo-grafias* literárias brasileiras: Carlos Nejar, no extremo Sul, Carlos Emílio Correa Lima, no Nordeste, e Arthur Cecim, aqui no extremo norte, na Amazônia.

**10. Como você avalia a recepção de sua obra no Brasil e em Portugal?**

Suspeito que os editores me temem, porque não podem ler o signo \$ na minha literatura. Mas ela é muito bem recebida, embora por poucos, porém suspeito que seria bem mais se as tiragens e a distribuição dos livros forem maiores – mas jamais meus leitores serão multidão, porque Andara é literatura para *iniciados* – e nunca se soube de uma multidão de iniciados, não é?

**11. Você está escrevendo algum livro no momento?**

Não. Talvez deva parar de fazer a Viagem a Andara. Mas após dezessete livros duramente, muito dificilmente publicados, escrevi ainda três, inéditos, que reuni no volume *Oniá um Lugar cintilante*. Um editor leu e quer lançar no início de 2018.

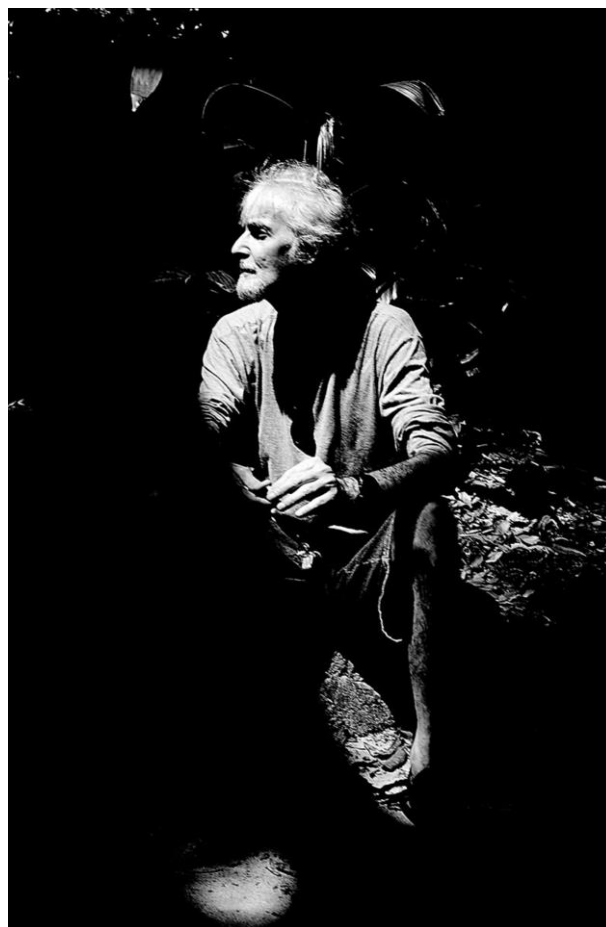
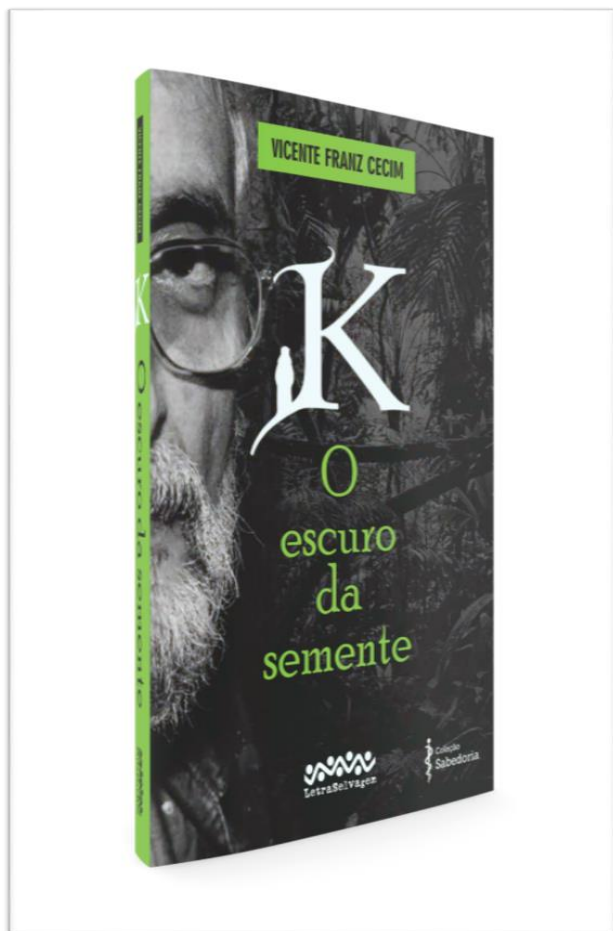
**12. Atualmente, no Brasil e no exterior, vivemos a ascensão de uma onda reacionária que traz em si matizes fascistas, que se manifestam perversamente, de todas as formas. Gostaríamos que você nos ajudasse a compreender: onde estava guardada tanta monstruosidade? Houve um ponto ou marco crucial para a detonação de uma circunstância como esta que vivemos hoje? O que você imagina ou espera como *coda* do atual estágio da humanidade?**

O homem é o pior inimigo de si mesmo. O que

nos deixa uma única saída: para nos livrarmos do nosso pior inimigo, precisamos nos livrar de nós mesmos. Podemos tentar ir no sentido oposto, porque o homem também é o único amigo de si mesmo. O que nos levasse a uma outra saída: para que essa Amizade se realize, o homem precisa retornar a si mesmo. E agora? Entendo que as duas saídas nos levariam à Mesma Saída: um profundo sentimento de Unidade. Tomo Andara como referência. No primeiro caso, Andara nos mostra no livro *K O escuro da semente* o humano se despojando progressivamente de si mesmo, lançando o H da palavra humano para o fim da palavra: umanoH, e, assim, libertando o *Um* que em nós está **124** oculto. No segundo caso, o Um, que é chamado *Uno* por Plotino, nas *Enéadas*, se manifestasse entre nós se fôssemos capazes – e *sei* que penso diferentemente do que se pensa – de, enfim, ver *a Semelhança na Diferença*.

**13. Alguma consideração final?**

Apenas esta: o homem precisa se deixar cair do ponto insustentável onde se instalou para ter o direito de adquirir asas. Será durante sua queda que descobrirá sua leveza possível.



125

Fonte: Foto de Jordy Burch

Recebido em: 30/11/2017.  
Aprovado em: 12/12/2017.  
Publicado em: 30/01/2018.